
CORDEL E PLURALIDADE CULTURAL NO ENSINO MÉDIO: UM TRABALHO COM LÍNGUA E LITERATURA POPULAR

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho *

Apresentação

Observando o trabalho com Literatura nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, em que o professor, no limite dos duzentos dias letivos, tem que cumprir as Orientações Teórico-Metodológicas didaticamente fragmentadas para cada série dessa modalidade de ensino, percebeu-se que a presença do texto literário em sala de aula limita-se, tão somente, aos textos canônicos presentes nos manuais didáticos.

Diante disso, tencionando mostrar a relevância de um ensino de literatura que considerasse a pluralidade da cultura regional, a partir de um trabalho com língua que desenvolvesse no aluno seu potencial crítico, criativo e autoral, além de sua percepção das diversas possibilidades de expressão linguística. Foi proposto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede pública estadual de Serra Talhada/PE, a realização de um projeto de intervenção didática que contemplasse a Literatura Popular Nordestina, em razão de que esse gênero é, conforme Luyten (1983), independente e possui características próprias tanto no que diz respeito à estética de composição dos versos quanto à temática abordada nas poesias.

Assim, buscando possibilitar uma aproximação do aluno à cultura popular nordestina e, conseqüentemente, a provocação de seu olhar crítico e poético sobre a realidade sertaneja, lançamos mão de um trabalho com língua a partir de princípios sociointeracionistas, visto que essa perspectiva teórica considera a linguagem contextualizada e em funcionamento nas suas diferentes manifestações.

Nesse entendimento, adentramos na dimensão do trabalho com a literatura de cordel, na tentativa de proporcionar aos alunos do 1º ano, do Ensino Médio, o conhecimento da estética e das temáticas mais recorrentes na literatura popular, em especial na poesia do sertão do Pajeú pernambucano, possibilitando, dessa maneira, *o fortalecimento das capacidades de leitura, escrita e oralidade em sala de aula.*

* Aluna do Programa de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco; mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco; graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada/PE; professora da rede municipal e estadual, em Pernambuco. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com



Caracterização da Escola

Nossa experiência didática ocorreu na Escola Estadual Irmã Elizabeth, localizada na região central da cidade de Serra Talhada/PE.

Enquadrada na categoria de escola de médio porte, a escola oferece Ensino Fundamental II (manhã e tarde), Ensino Médio (manhã e tarde) e EJA Médio (noite), atendendo um total de um mil e trinta e sete alunos, os quais são oriundos de vários bairros da cidade e também da zona rural. No que diz respeito à distribuição de turmas, na época da realização de nosso trabalho com o cordel, o horário da manhã atendia oito turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e seis turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. O horário da tarde atendia sete turmas, sendo quatro turmas do 6º ao 9º ano e três turmas do 1º ao 3º ano e o horário noturno atendia quatro turmas do 1º ao 3º ano e, ainda, uma turma de EJA Médio.

O corpo docente da escola, formado por professores com Licenciatura e Pós-Graduação nas áreas em que atuam, contava com dezenove professores efetivos e dezenove contratados.

A experiência que relatamos foi vivenciada no ano letivo de 2017 em uma turma de 1º ano do Ensino Médio do horário matutino, em que estavam matriculados trinta e cinco alunos, entre dezesseis e dezoito anos de idade.

É importante ressaltar que boa parte da turma era oriunda da zona rural do município e a experiência de vida, nesse ambiente, foi imprescindível para o envolvimento e realização das atividades propostas pelo projeto de intervenção.

Pressupostos teóricos

Seguindo as orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa da rede estadual de Pernambuco (2012), doravante PCPE, no que diz respeito ao trabalho com linguagem, em especial o trabalho com literatura, propomos aos estudantes do 1º ano do Ensino Médio um projeto de intervenção didática que, numa perspectiva crítica e analítica, proporcionasse a potencialização de suas capacidades linguísticas de leitura, escrita e oralidade. Isso porque o ensino de literatura no Ensino Médio, segundo Cosson,

limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, [...]. Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários (COSSON, 2014, p. 22).



Em vista dessa afirmação e na tentativa de realizar uma prática pedagógica diferenciada que não se limitasse à construção de habilidades de leitura, interpretação e classificação de gêneros ou períodos literários, mas, sobretudo, que reconhecesse a literatura como “arte que se constrói com palavras” (PCPE, 2012, p. 87), arte de dimensão da vida e do conhecimento humano, optamos por levar para a sala de aula a literatura de cordel, pois entendemos que a literatura popular, assim como os clássicos literários, seguindo Calvino (2004, p. 16), permite-nos entender quem somos e aonde chegamos.

Nessa perspectiva, compreendemos que a presença da literatura de cordel, em sala de aula, como uma experiência de leitura distinta, além de transgredir “o senso comum, [...], permitindo um olhar diferente para o mundo” (PCPE, 2012, p. 89), subsidia a formação do estudante em quatro dos seis eixos de ensino propostos pelos Parâmetros de Ensino do Estado de Pernambuco, a saber, oralidade, leitura, letramento literário e escrita. Em vista disso, buscamos fundamentar nossa experiência didática a partir de Cosson (2014) e Dolz e Schneuwly (2004).

Para Cosson (2014, p. 10), o processo de letramento literário¹ compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio, em razão de que a formação para a literatura faz-se a partir de estratégias que auxiliam abordar o texto literário com base em suas especificidades. Para isso, Cosson (idem, p. 56) sugere uma sequência básica do letramento literário na escola constituída por motivação, introdução, leitura e interpretação.

Nesse sentido, nosso pressuposto é que o letramento literário não implica apenas a formação de um leitor proficiente, mas também pode contribuir para a formação de um escritor proficiente de textos literários, uma vez que o trabalho com literatura em sala de aula, a partir da sequência proposta por Cosson, apresenta-se como “uma experiência a ser realizada” (COSSON, 2014, p. 18), não só de leitura como também de escrita.

Diante disso, buscando construir práticas de leitura e de escrita protagonizadas pelos estudantes, embora essas práticas acarretassem na escolarização da literatura, encontramos em Dolz e Schneuwly (2004) as orientações necessárias para a elaboração de uma sequência didática que contemplasse a leitura e, principalmente, a escrita de poemas em cordel.

¹ O termo letramento refere-se às práticas sociais da escrita; e a literatura, por fazer parte dessas práticas e por se constituir como um tipo de letramento singular “pela própria condição de existência da escrita literária” (COSSON, 2014, p.10), demanda um trabalho em sala de aula a partir do letramento literário.



Desse modo, tendo em vista que a proposta de prática de escrita de poemas em cordel não se esquivava do processo de didatização do gênero², nesse caso do gênero poema, optamos por lançar mão da perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso, uma vez que nessa concepção “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifos do autor). Para Bakhtin,

os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...] A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Com base nessa compreensão, embora Cosson (2014) afirme que precisamos mudar os rumos da escolarização da literatura, acreditamos que o ensino de literatura por meio da proposta de sequência didática ajuda a melhorar determinada prática de linguagem ou de letramento.

Segundo Kleiman, “é possível fazer na escola um trabalho sério com a escrita em geral e a leitura em particular” (KLEIMAN, 2006, p. 24), porque a sala de aula é um espaço institucional em que ler e escrever, conforme Possenti (1997), não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa, mas atividades essenciais ao ensino de língua.

Dessa forma, a proposta de uma prática de ensino de língua e literatura situada na perspectiva dos gêneros do discurso ratificou que “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles nossa individualidade” (BAKHTIN, 2003, p. 285), sobretudo quando se trata de textos literários, em que a palavra feita matéria permite “a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2014, p. 18).

Descrição da experiência

A proposta de trabalhar com literatura de cordel em sala de aula surgiu da necessidade de valorizar as produções de alguns alunos da turma que já escreviam poemas de cordel.

Embora os poemas desses alunos não obedecessem à estrutura métrica dos poemas em cordel, eles apresentavam experiências e relatos da vida de quem reside na zona rural e tem que

² Segundo Marcuschi (2008, p. 161), os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social. Para o autor, o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.



enfrentar longos períodos de estiagem, além de descrever com sensibilidade a beleza da paisagem sertaneja.

Assim, seguindo a proposta de um trabalho sistemático em torno do ensino de gêneros textuais, colocado por Dolz e Schneuwly (2004), o projeto foi apresentado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Foram realizadas oficinas de motivação, introdução, leitura, interpretação e contextualização da literatura de cordel, além de oficinas de produção de poemas, declamação e reescrita. Cada oficina teve duração de quatro horas/aula, com exceção da oficina de reescrita que contou com duas horas/aula.

Logo nas primeiras oficinas, discutimos com os alunos o formato dos poemas que eles gostariam de produzir (sextilhas, septilhas, décimas ou sonetos), além de explicar como seria o momento de publicação e declamação dos folhetos de cordel.

Discutimos, também, o formato do folheto, levando em consideração o público leitor e os temas a serem publicados. Quanto às turmas, decidimos, conjuntamente, que as questões abordadas deveriam tratar sobre tópicos do cotidiano rural sertanejo.

Convém destacar que, durante a realização do projeto, todas as atividades foram executadas de forma colaborativa: os textos eram escritos individualmente e depois trocados entre os alunos para uma avaliação às cegas. Após as observações feitas entre os pares, cada aluno deveria observar e atender às sugestões feitas pelos colegas.

No processo de análise e reescrita dos poemas, os alunos deveriam atentar para as regras estéticas de elaboração do cordel. Esse foi o maior desafio encontrado pelos estudantes, pois a eles cabia a responsabilidade, após as orientações das oficinas, de fazer com que o texto final ficasse coeso, coerente e que suas rimas obedecessem à estética do cordel.

Para isso, foi-lhes solicitado escolher entre *sextilha* (estrofe com seis versos de sete sílabas, com rimas entre o segundo, o quarto e o sexto), *septilha* (poema com sete versos, sendo as rimas entre o segundo, o quarto e o sétimo verso e o quinto com o sexto, ficando livres o primeiro e o terceiro versos), *décima* (estrofe de dez versos, com dez ou sete sílabas com rimas ABBAACDDC) ou *soneto* (poema com quatorze versos, sendo dois quartetos e dois tercetos).

Os folhetos publicados apresentaram poemas que tratavam, principalmente, sobre a seca no sertão e a poluição do Rio Pajeú (um dos afluentes do Rio São Francisco, que corta a cidade de Serra Talhada/PE).

Com isso, a proposta de um trabalho didático com base na tradição da poética popular assegurou a participação efetiva dos alunos, tendo como culminância a apresentação dos poemas em um recital, no pátio da escola.



Avaliação dos resultados

Ao inserir a poesia popular nas práticas didáticas, observamos que foi possível colocar o aluno em contato com textos cuja diversidade temática possibilitou a realização de debates e reflexões acerca da realidade social, política e econômica e das diferentes formas de expressões do povo sertanejo, além da aproximação dos alunos às manifestações culturais da região e o resgate da memória popular.

Os estudantes perceberam que a literatura de cordel é muito mais do que improvisar rimas ou publicar poemas em forma de folhetos, eles aprenderam que a poesia popular obedece a uma estética rigorosa, o que faz do cordel uma “profissão de fé”³ e do poeta um artista criativo que “penetra surdamente no reino das palavras”⁴ para trazer de lá sua indignação, sua nostalgia, seu amor, sua poesia.

Por meio das atividades propostas no projeto de intervenção, os alunos aprenderam ainda que os textos não são atos isolados e solitários e que as formas dos gêneros do discurso “chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto estreitamente vinculados” (BAKHTIN, 2003, p. 283) e legitimados por alguma instância socialmente organizada.

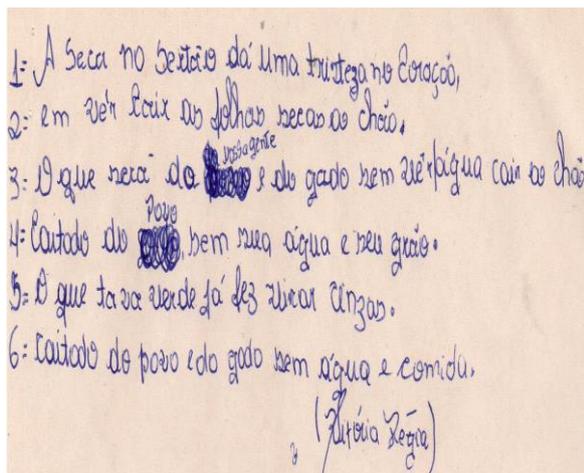
Para exemplificar o ensino do gênero poema de cordel por meio do trabalho com sequências didáticas, apresentamos a seguir a produção de dois poemas em sextilhas. Vejamos:

³ Título de um dos poemas de Olavo Bilac.

⁴ Verso do poema “Procura da Poesia”, de Carlos Drummond de Andrade.



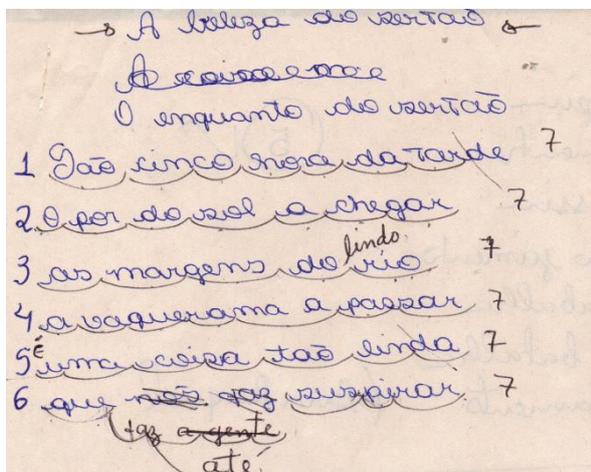
FIGURA 1



A seca no sertão dá uma tristeza no coração,
 Em ver cair as folhas secas no chão.
 O que será dessa gente e do gado sem ver água no chão
 Coitado do povo sem sua água e seu grão.
 O que tava verde já fez virar cinzas.
 Coitado do povo e do gado sem água e comida.
 (Aluna 1)

Fonte: Arquivo da autora

FIGURA 2



A beleza do sertão

São cinco horas da tarde
 O pôr do sol a chegar
 Às margens do lindo rio
 A vaqueirama a passar
 É uma coisa tão linda
 Que faz até suspirar
 (Aluna 2)

Fonte: Arquivo da autora

Analisando essas produções, observa-se que, no primeiro poema, o entendimento da autora sobre rimas ainda estava colado no senso comum de que “para ser poema tem que ter rima”, não importando o tipo de verso (redondilha menor, redondilha maior, decassílabos etc.) ou o tipo de poema (sextilha, septilha, décima, soneto etc.), isso porque a autora finaliza os versos 1, 2, 3, e 4 com palavras terminadas em –ão (coração; chão; chão; e grão), deixando livres os versos 5 e 6, em que ela finaliza com as palavras “cinzas” e “comida”. Já no segundo poema, escrito por outra aluna, é possível compreender que a autora já havia apreendido as regras de metrificação do cordel, tanto que ela assinala a contagem das sílabas poéticas nos versos e estabelece as rimas entre os versos 2, 4 e 6 com



as palavras “chegar”; “passar”; e “suspirar”, respectivamente, deixando livres os versos 1, 3 e 5, conforme determinam as regras de estrutura do cordel em sextilhas.

Após as atividades modulares, os poemas ficaram assim:

POEMA 1

SECA

Sinto uma dor bem danada

Ao ver seco o meu sertão

Sem uma só gota d’água

Não há sequer plantação

O gado muge de fome

É tanta lamentação!

(Sextilha – Escrita pela Aluna 1)

POEMA 2

A BELEZA DO SERTÃO

São cinco horas da tarde

O por do sol a chegar

Às margens do lindo rio

A vaqueirama a passar

É uma coisa muito linda

Que faz até suspirar.

(Sextilha – Escrita pela Aluna 2)

Observa-se que, no momento da produção final, os textos das alunas já atendiam às especificidades dos poemas de cordel. Ambos escritos em sextilhas, apresentam versos em redondilha maior ou heptassílabo (versos com sete sílabas poéticas), com rimas entre os versos 2, 4 e 6, ficando livres os versos 1, 3, e 5.

Em outro momento do trabalho em sala de aula, observamos uma produção mais ousada. Uma das alunas da turma havia composto um poema em septilha (sete linhas ou sete pés), escrito em redondilha maior e seguindo a estética requerida pela literatura de cordel com rimas entre os versos 2, 4 e 7 e entre os versos 5 e 6. Embora nos poemas em septilha os versos 1 e 3 devam ficar livres, nota-se que a autora optou por rimá-los entre si, o que consideramos, seguindo a brasileira Cláudia de Lemos (2002), como uma questão de captura pela linguagem, ou melhor, pela estética do cordel. Vejamos:



CHUVA

A mata toda cinzenta
 Sina, seca dominando
 O sertanejo lamenta
 A magreza do seu bando.
 Mas quando cai a neblina
 A matutada se anima
 Dia e noite festejando.
 (Septilha – Escrita pela Aluna 3)

Diante da pequena amostra apresentada neste relato de experiência, podemos afirmar que, ao inserir a poesia popular nas práticas didáticas do ensino de língua, colocamos o aluno em contato com textos cuja diversidade temática possibilitou a realização de debates e reflexões acerca da realidade social, política e econômica e das diferentes formas de expressões do povo sertanejo, além da aproximação dos alunos às manifestações culturais da região e o resgate da memória popular, o que também lhes assegurou o reconhecimento e a afirmação de suas identidades.

Por meio das atividades propostas no projeto de intervenção, os alunos aprenderam ainda que os textos não são atos isolados e solitários e que as formas dos gêneros do discurso “chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto estreitamente vinculados” (BAKHTIN, 2003, p. 283) e legitimados por alguma instância socialmente organizada.

Considerações finais

Diante do que vivenciamos em sala de aula durante a realização do projeto de intervenção, observamos que o trabalho com cordel como uma experiência didática revelou maneiras envolventes e interessantes de ensinar língua e literatura, confirmando que a aprendizagem não deve ser um processo em que informações são simplesmente descarregadas sobre os alunos, mas que deve ser norteada por práticas que possibilitem o debate, a análise crítica, a leitura, a escrita e a reescrita de textos, o que permite assegurar aos estudantes o desenvolvimento de suas habilidades no que diz respeito aos eixos da oralidade, leitura, escrita e letramento literário.

Dessa forma, a experiência vivenciada desvela que a literatura popular, em sua dimensão poética, estética, literária e criativa, pode e deve ser apresentada aos estudantes, pois, embora esse tipo de literatura raramente apareça nos livros didáticos, faz parte das práticas culturais dos alunos,



no caso da literatura de cordel, dos nordestinos. À escola, como um lugar do conhecimento, cabe oportunizar aos alunos a experiência e o conhecimento dos diferentes letramentos literários.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp.261-306.

CALVINO, Í. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

KLEIMAN, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 23-36.

LEMONS, C. T. G. Das Vicissitudes da Fala da Criança e sua Investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: IEL/Unicamp, n. 42, 2002, p. 41-69.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERNAMBUCO. Governo do Estado de Pernambuco. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. Pernambuco, 2012.

POSSENTI, S. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado Letras, 1997.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

